

A GAROTA DINAMARQUESA: UMA ANÁLISE A TRANSGENERIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES

Data de aceite: 03/04/2023

Amanda Rayra Dias Campos

THE DANISH GIRL: AN ANALYSIS ON TRANSGENERITY AND ITS IMPLICATIONS

RESUMO: Este trabalho se constitui como uma análise sobre as principais demandas abordadas no filme “A garota dinamarquesa” atrelada à temática da transgeneridade. Utilizando, para tal, os conceitos presentes na abordagem Histórico-Cultural de Vygotsky. O objetivo se encontra na investigação dos fatores trazidos pelo filme, tais como: a patologização do indivíduo transsexual, a transfobia que o atravessa e suas implicações, e o alívio que a pessoa transgênera sente ao ter seu corpo alinhado à sua identificação subjetiva. A metodologia se organiza em uma revisão integrativa de literatura de cunho de estudo de caso, justificando a escolha das referências e literaturas de base, e o andamento da pesquisa, a partir da ciência psicológica.

PALAVRAS-CHAVE: Transgeneridade; Transfobia; Patologização; Teoria Histórico-Cultural; A Garota Dinamarquesa.

ABSTRACT: This work is an analysis of the main demands addressed in the film “The Danish Girl” related to the issue of transgender, using the concepts of Vygotsky’s Historical-Cultural Theory. The objective is to investigate the factors brought by the film, such as: the pathologization of the transsexual, the transphobia that crosses him, its implications and the relief that the trans person feels when their body is in line with their identification. The methodology consists of an integrative literature review, of the case study type, justifying the choice of references and base literature, and the progress of the research, based on psychological science.

KEYWORDS: Transgenderedness; Transphobia; Pathologization; Historical-Cultural Theory; The Danish Girl.

1 | INTRODUÇÃO

O homem está imerso em uma rede de interações desde o seu nascimento, tais redes estão fomentadas por culturas, religiões e crenças, as quais moldam

o caráter dos indivíduos. A psicologia como uma ciência que se volta para a análise, compreensão e explicação do ser humano e suas dimensões, não deixa de lado esses aspectos exteriores que dão subsídios e que interferem ativamente na modulação de sua personalidade ou que aplicam julgamentos caso essa personalidade seja moldada a partir de outros contornos.

Dessa forma, aquilo que se pensa como o “certo” e “natural” já está posto a partir de uma construção histórica e isso é imposto como verdade suprema inquestionável: a religião a se seguir, a orientação sexual devida de acordo com os parâmetros de homem e mulher, o modo de falar, de pensar e de agir, e tantos outros fatores que nos constituem como sujeitos, os quais advêm de fora, do meio no qual ocupamos. (CASTRO, 1997).

Ao analisar a psicologia sob o viés da perspectiva histórico-cultural percebemos que a cultura se constitui como um dos principais agentes para determinar como as pessoas pensam, falam e se comportam. Quando alguém se desvia em pequenos ou grandes passos do que a história aponta é taxado e sofre recriminações e preconceitos. E por entender a importância que há nesses aspectos que compõe a sociedade - história e cultura - será a partir dos pressupostos de base da abordagem Histórico-cultural, desenvolvida pelo psicólogo belo-russo Vygotsky e seus companheiros Leontiev e Luria, que uma avaliação sistemática sobre o transgêneridade será formulada. (CASTRO, 1997; SANTOS; AQUINO, 2014).

O trabalho de Vygotsky inicia-se na União Soviética, no meio de uma crescente e complexa necessidade de explicação e compreensão do fenômeno psicológico, atrelado a um cenário com bastante dicotomias dualistas como: biológico x social; interno x externo; orgânico x psicológico; natural x social, e ainda, associado a uma insatisfação no que diz respeito a análise psicológica da época a qual começou a reduzir os fenômenos a um conjunto de “átomos” psicológicos, resultado do que ele próprio chamou de “crise na psicologia”. (SANTOS; AQUINO, 2014).

Essa crise descrevia, em sua visão, o déficit das escolas de psicologia vigentes da época, no estabelecimento de firmes bases que pudessem fornecer uma teoria que unificasse os processos psicológicos humanos, tanto quanto, que ofertasse um conhecimento comprometido com a transformação social. (VYGOTSKY, 1991).

A Psicologia Histórico-cultural, surge, então, como um rica abordagem do ponto de vista de conceitos e categorias teóricas, não apenas em virtude das ideias inovadoras que com ela emergiram, mas, pela maneira como estas se estruturam para a construção da teoria e dos princípios epistemológicos, os quais são chamados de paradigma Histórico-Cultura. A análise desse paradigma permite o conhecimento das especificidades dessa corrente psicológica, tanto quanto, sua contribuição para uma nova ideia sobre o psiquismo humano. Para essa análise se torna importante a compreensão que Vygotsky buscou como base epistemológica de suas teorizações, os pressupostos do materialismo histórico e dialético de Marx. (SANTOS; AQUINO, 2014; SIRGADO, 1990; GOMES *et al.*, 2016).

A compreensão da dimensão histórica, segundo Vygotsky, se desenvolve com um duplo sentido. No sentido materialista-dialético, a história se desdobra como uma abordagem dialética que perpassa o âmbito geral das coisas. Em termos mais específicos, se define como a compreensão a respeito da mútua transformação do sujeito e do mundo, que caracteriza o desenvolvimento humano. Por outro lado, a história também significa a “história do homem”, isto é, o enredo das elaborações humanas ao longo da civilização. E essas duas dimensões devem ser analisadas e unificadas, para a compressão dos sujeitos. (GOMES *et al.*, 2016).

Por sua vez, o método dialético, se volta para as leis mais comuns do desenvolvimento da natureza, sociedade e pensamento humano. Vygotsky defendia que a realidade deveria ser entendida dialeticamente apoiada nas dimensões materiais e históricas, e conseqüentemente, a construção humana se daria a partir desses mesmos mecanismos: da dialética entre as condições objetivas e subjetivas de sua existência. Assim, Vygotsky acreditava que o desenvolvimento humano é inerente à construção histórica e social, derivando-se da junção de processos de interação e condições objetivas de vida. E conjuntamente, a consciência seria constituída a partir das experiências vividas como objeto das relações sociais. (GOMES *et al.*, 2016).

Vygotsky (1991) coloca uma ênfase especial sobre o desenvolvimento humano, o qual, para ele, não se fixa em uma mudança de cunho singular, mas sim de um complexo caminho dialético, ligado a fatores externos, internos e mecanismos de adaptação. Para a articulação desse desenvolvimento, ele aponta a existência dos mecanismos de signos e instrumentos, os quais servem para estabelecer uma conciliação para a constituição da individualidade humana. Nisso, Bernardes (2010) pondera que os signos e instrumentos são construções históricas desenvolvidas pelo homem com o objetivo de facilitar o processo de apropriação da realidade, e concomitantemente, gerar meios para a transformação da natureza. Dessa forma, mediante tais fenômenos, pode-se desenvolver o significado social o qual advém como resultado das apropriações históricas e afetivas do homem, como também, o sentido pessoal ou subjetivo, que se forja como a consequência da interação real existente entre o homem e o mundo.

A mediação simbiótica, foi uma das maiores contribuições de Vygotsky, e diz respeito ao processo que caracteriza a mediação por fatores externos da atividade humana. Através dos instrumentos regula-se as ações sobre os objetos e pelo sistema de signos, sobretudo, o linguístico, regula-se as ações sobre o psiquismo dos outros e de si mesmo. A mediação simbiótica torna evidente a gênese e natureza social da vida psíquica, o perfil produtivo da vida humana e a movimentação social do conhecimento e da consciência. E ainda permite a evolução da zona de desenvolvimento proximal, que diz respeito às funções que ainda irão amadurecer no indivíduo, e que fluirá conforme este for sendo orientado e guiado, com observação e interação com outros mais capazes e experientes. Essa fase é vista com a distância entre o nível de desenvolvimento real no que o indivíduo se encontra, e o nível de

desenvolvimento potencial, onde ele pode chegar. (SANTOS, 2014; CONCEIÇÃO, 2016; VYGOTSKY, 1984).

Simultaneamente, um princípio fundamental na construção da Psicologia Histórica-Cultura é o conceito de atividade, que estabelece que a consciência é constituída através da atividade humana. E nesta, por sua vez, há um duplo caminho de mudança: ao mesmo tempo que o homem age sobre a natureza modificando-a, modifica sua própria natureza e desenvolve suas faculdades adormecidas. (SANTOS, 2014). Tal movimento se dá, também, a partir do que Vygotsky (1998, p.74) aponta como “internalização”, definida por ele como “a reconstrução interna de uma operação externa”. Baquero (1998, p. 35) ao discorrer sobre essa definição afirma a internalização como “criadora da consciência”.

Além de todos esses conceitos e fundamentos que possibilitaram uma parecer mais claro sobre as questões voltadas para o homem, de acordo com Clarindo (2020), esse campo psicológico possibilitou novas formas de produzir conhecimentos em áreas como a educação, a psicologia social e do trabalho, e sobretudo, na clínica individual psicoterápica, onde o profissional pode trabalhar com o indivíduo a partir de uma visão social e dialética dos seus fenômenos psíquicos, priorizando, sobretudo, sua subjetividade. E assim, todas as dimensões da vida humana podem ser perpassadas pela clínica postulada por Vygotsky, incluindo, a área da sexualidade em suas dimensões de gênero e orientação sexual.

Partindo do que foi exposto, o presente estudo fomenta-se a partir dos conceitos apresentados dentro da Psicologia Histórico-cultural, terá como fonte de análise o filme “A garota dinamarquesa”, e como temática principal a transexualidade. Buscamos traçar considerações a partir dos pressupostos de Vygotsky nas questões de transgeneridade e as demandas atreladas a ela, entre as quais, as conceituações formuladas e estabelecidas socialmente sobre a pessoas trans, a patologização dessa condição, a transfobia que emerge como uma resposta da sociedade intolerante no qual estamos inseridos, e para além disso, as implicações físicas e mentais que tanto o filme retrata em cenas onde a personagem se encontra emergida em intensas incertezas e angústias, e quando lhe são ofertadas como mecanismo de enfrentamentos terapias que lhe ferem corporalmente, quanto milhares de pessoas transgêneras vivenciam diariamente, e ainda, o bem-estar que vem do “corpo modificado” o qual implica identificação consigo mesmo.

Assim, o presente estudo tem por objetivo refletir e discorrer sobre o filme em questão, analisando, sobretudo, a vida da personagem principal, discorrendo sobre sua subjetividade no que diz respeito ao seu caminhar no processo de autoconhecimento e mudança de sexo. Também, ponderar considerações sobre como a cultura é um fator que agrega sofrimento e angústia psicológica sobre a vida daquele(a) que não se reconhece no corpo biológico com o qual nasceu.

Tendo como base primordial o Código de Ética da Psicologia, nos princípios fundamentais os quais abordam que a ciência psicológica deve ser praticada visando a promoção da liberdade, dignidade, igualdade, respeito e integridade do ser humano, e que

também deve contribuir para a promoção da universalização do acesso às informações por parte da população, aos conhecimentos, serviços e padrões éticos da psicologia, sobretudo, o art. 2º que afirma que é vedado ao trabalho da psicologia induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, tanto quanto, ser conivente com erros, faltas éticas, violação de direitos, crimes ou contravenções penais.

2 | MATERIAL E MÉTODO

O trabalho em questão configura-se como uma pesquisa de revisão de literatura que caracteriza-se como um processo de busca, descrição e análise de um conjunto de conhecimentos que visam oferecer respostas a uma pergunta específica, auxiliando dessa forma na fundação de novos estudos e pesquisas. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Sendo assim desenvolvido como um estudo de caso, o qual é um modo de pesquisa e investigação empírica que emprega, geralmente, dados qualitativos, reunidos a partir de fatos reais, com o intuito de explicar, explorar ou descrever fenômenos contemporâneos a partir de determinado contexto. Fazendo-se conhecido por ser um estudo que se propõe a desenvolver compreensões e conhecimentos significativos, de modo detalhado e exaustivo de alguns ou de um único objeto. (YIN, 2014).

O processo trilhado para a constituição do mesmo se deu a partir de duas fases: a primeira foi a fase exploratória, onde a partir da descoberta e análise do filme “A garota dinamarquesa” decidiu-se investigar as questões de sexualidade que envolvem o personagem central da trama, atuado pelo ator Eddie Redmayne, que em gênero masculino chama-se Einar Wegener e em gênero feminino Lili Elbe, utilizando para tal, os tratados da teoria vygotskiana. Na segunda fase, a fase de estruturação e desenvolvimento, buscou-se traçar um esquema para estabelecer como o trabalho seria construído, com quais métodos e tópicos, e determinado isso, a escrita foi desenvolvida.

E embora o ponto central esteja na análise da subjetividade e dilemas em que Lili vivencia, não obstante, reconhece-se a importância de sua esposa, Gerda Wegener, interpretada pela atriz Alicia Vikander que desenvolve um papel importante na busca pela expressão de quem Lili de fato é. Ainda, citaremos seu amigo de infância Hans, seu pai, seu amigo Henrik e os médicos pelos quais ela passou, para uma análise mais profunda de suas vivências.

Dessa forma, foram realizadas pesquisas em livros, artigos científicos e sites, através do Google e Google acadêmico. Utilizando como método de leitura a de base analítica, a qual descreve uma leitura compassada, que visa a absorção total do conteúdo, isto é, um entendimento legítimo sobre aquilo que o autor se propõe a explicar (FREITAS, 2015).

Os critérios utilizados na escolha dos materiais, incluíram a preferência por textos escritos a partir dos anos de 1990 e escritos sobre a transgeneridade que não violassem as

diretrizes do código de ética da psicologia.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, se faz necessário uma conceituação sobre a transgeneridade para então traçarmos uma análise de como o “eu” de uma pessoa pode ser desvalorizado e ameaçado.

Antes do termo “transexual” havia o termo “travesti” e anterior a esse havia o “trans” que vem do latim “além de”. Os latinos juntaram ao “trans” o “vestire”, o qual deu origem ao termo “transvestire”, que fazia menção aqueles que exageravam na roupa. Essa palavra foi adotada pelos franceses como “travestito” que incluía um “disfarce” a um comportamento de homem que se veste como mulher e que era tido como ridículo ou falso. Algum tempo depois esse termo foi incluído na língua inglesa e virou “travesty”, esse adjetivo, passou, então, a ser utilizado pejorativamente para designar uma população específica: a trans. (JESUS, 2018).

Modesto (2013) aponta que baseado na nossa cultura e nos parâmetros que regem a conceituação sobre as identidades de gênero, a definição comum de transgeneridade é o de uma categoria de indivíduos que assumem uma identidade de gênero, masculina ou feminina, a qual difere daquela que concorda com seus traços biológicos, isto é, a identidade designada por meio do nascimento. Dito de outra forma, a transgeneridade ocorre quando a identidade de gênero que se tem é contrária àquela que se dá conforme a dimensão biológica.

A transsexualidade, portanto, é uma questão de identidade. “[...] A mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem.” (JESUS, 2012, p. 8).

Cabe aqui destacarmos sobre o termo travestilidade, que define pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não reconhecem-se como homens ou mulheres, mas sim, como pertencentes de um terceiro gênero ou de um não gênero, se pensarmos do ponto de vista daquilo que é dado socialmente. Entretanto, sua identificação é mais próxima do feminino e assim as travestis devem ser respeitadas e tratadas sempre no feminino, pois dirigir-se a elas como “os travestis” seria insultuoso por não está sendo considerado o modo como se identificam. (JESUS, 2012).

Tendo feito essa conceituação, entremos no filme “A garota dinamarquesa”. Este nos remonta à história de um casal de pintores, mas tem sua ênfase principal em Lili Elbe, a primeira transexual a entrar para a história por ser também a primeira a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo, hoje chamada de redesignação sexual. (NORONHA, 2018).

Nos anos 10 da década de 90, Gerda Wegener (esposa de Lili) se tornou famosa com suas ilustrações em Copenhague. Isso se deu graças a modelo que compunha suas obras. Todos ao verem a garota representada nos quadros de Gerda se vislumbravam com a

beleza e sensualidade transmitidos em cada pintura. “Quem é essa garota?”, perguntavam. “É Lili Elbe, prima do meu marido”, Gerda respondia guardando para si a real identidade de sua modelo: seu companheiro. (DIAS, 2016; A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Nascida na Dinamarca, Lili tinha por registro o nome de Mogens Einar Wegener e se identificou a maior parte de sua vida com o gênero masculino. Assim como sua esposa, era pintora de grande sucesso e até hoje, o Museu de Artes de Vejle, a cidade em que nasceu e que inspirou muitos de seus quadros, apresenta as suas telas. (DIAS, 2016)

No processo de despertar de Lili um único momento foi suficiente: Gerda estava nos últimos detalhes para a finalização de um quadro da atriz Anna Larsson vestida de bailarina, porém, no dia marcado a modelo não compareceu. Gerda solicitou que “Einar” posasse por um momento com um vestido de saia plissada, sapatos e meias, e depois de exitar por um momento, cedeu ao pedido. Escrevendo posteriormente em seu livro: “Eu não posso negar, por estranho que possa parecer, de que eu gostava de mim neste disfarce”, e depois: “Eu gostei da sensação suave daquelas roupas femininas. Eu me senti em casa com elas, desde o primeiro momento”. (DIAS, 2016).

É importante nos atermos ao uso do termo “despertar” para descrever o momento em que Lili volta a se reconhecer como do gênero feminino. Assim, ao pensarmos que houve um momento em que seus sentidos, mente e corpo foram estimulados, e “Einar” se percebeu novamente como não pertencente ao gênero que portava biologicamente, entende-se que houve uma ocasião responsável por esse amortecimento ou repressão de como este ela se identificava. Posteriormente outras situações se desenvolveram para levar Lili a duvidar e até desejar mais uma vez amortecer como realmente se reconhecia, como veremos. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

À luz dos conceitos de signo e instrumento que como já citados se constituem como elementos que ajudam na fundação da individualidade e auxiliam na apropriação da realidade, isto é, do social e daquilo que é posto por ele na constituição e, principalmente, na desconstrução da singularidade de Lili, podemos nos ater a dois momentos específicos trazidos pelo o filme. Esses dois pontos são apresentados e nos ajudam na sistematização da influência da cultura e da dialética na dimensão linguística para uma espécie de regularização do psiquismo do outro, como aconteceu com Lili.

O primeiro instante, que diz respeito à construção da sua subjetividade, observa-se a partir de um relato sobre a sua infância. Lili descreve que sentia-se diferente desde criança. Em uma de suas conversas com sua esposa ela relata uma situação que vivenciou com seu amigo Hans, quando os dois eram crianças: Hans o beija na boca e o seu pai chega no mesmo momento, batendo fortemente em Hans. Esse comportamento nos transmite uma imagem de seu pai como uma figura autoritária e agressiva, que possivelmente não se atentava à essência de seu filho e não permitia que o mesmo se reconhecesse. (ÁLVARES, 2017).

A essa questão, Kennedy (2010, p. 5) colabora ao apontar os resultados de uma

pesquisa feita visando a identificação a partir de entrevistados que podiam lembrar-se da primeira vez em que perceberam que suas identidades de gênero se encontravam em desacordo com aquela designada por nascimento. Assim, a autora remonta que

O aspecto mais significativo destes dados é o aumento claro na idade de 5 anos, representando a média modal, com uma média de 7,9 anos. A percentagem de pessoas transgênero que perceberam a variação de gênero na idade de 18 anos, ou mais tarde, é inferior a 4%, com 76% dos participantes estarem cientes de que eram variantes de gênero ou transgêneros antes de saírem da escola primária.

Podemos supor que no instante em que esse signo não verbal foi apresentado por seu pai contra Hans, foi demonstrado a ele como a cultura e sua comunidade percebia esse tipo de comportamento. Lili entendendo que não poderia expressar-se de acordo com sua identificação psicológica foi obrigada desde criança a comportar-se como era esperado para um menino. Assim, conseguimos designar o seu pai como porta voz da sociedade, atuando como instrumento de objetificação para a personalidade de Lili.

4 | O SER HOMEM OU MULHER E A PATOLOGIZAÇÃO

O segundo momento está muito vinculado a como a transexualidade era e ainda é vista: como uma patologia.

Historicamente tudo o que se nomeia sobre a população trans é produto do conhecimento médico, jurídico e moral. Até o século XIX não havia o estabelecimento de distinções para as identidades de gênero e sexualidades, as diferentes orientações eram resumidas à homossexualidade. Essas pessoas eram tidas como loucas e delinquentes, e frequentemente eram submetidas sem o próprio consentimento a tratamentos ou encarceramentos, sendo-lhes retiradas o domínio sobre o próprio corpo. (CANNONE, 2019).

Um exemplo que ilustra essa condição é o período higienista brasileiro, onde pessoas que se desviavam do que a sociedade estabelecia como normalidade, como as prostitutas, dependentes químicos, moradores de rua, mulheres subversivas e os LGBT, eram destinados a internações compulsórias. (CANNONE, 2019).

Os transsexuais, especialmente, tiveram diversos encaminhamentos ao longo da história, entre os quais: “sodomia como pecado; crime institucionalizado; morte legitimada em fogueiras; torturas; pena de morte; exclusão do convívio social; doença, tratamento médico e eletrochoque” (NASCIMENTO, 2010).

Como afirmam Mattos e Cidade (2016), a transexualidade passou a ser conceituada em 1953 a partir do pensamento do médico britânico Harry Benjamin, com base na perspectiva da psicopatologia. Arelado a este, o médico estadunidense John Money começa suas investigações. Assim, em 1969, a ciência se inclina a esses estudos e em 1977 é definido o atestado de disforia através da Harry Benjamin International Gender

Dysphoria Association. Estes contribuíram para a inserção da transexualidade nos manuais psiquiátricos como uma perturbação passiva de tratamento. (MATTOS; CIDADE, 2016). E atualmente a transexualidade inclui-se no Código Internacional de Doenças - CID, como transexualismo, e no Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-4, como disforia de gênero. Em ambos como uma identidade associada à doença. (COSTA; CAMPELLO, 2017).

Firmado nisso, o Conselho Federal de Medicina, na resolução n. 1.955 de 3 de setembro de 2010, vinculou a cirurgia de redesignação de sexo para pessoas trans por meios públicos ao condicionamento diagnóstico, isto é, o indivíduo que deseja fazer esta cirurgia é obrigado a submeter-se a um critério diagnóstico que o estigmatiza como uma pessoa doente. Costa e Campello (2017, p. 113) apontam que quando

O indivíduo efetivamente pretende realizar a cirurgia de transgenitalização e recorre ao Sistema Único de Saúde – SUS para tal. Lá, após ser submetido à junta que o avaliará, passa a ser diagnosticado em transexualismo e disforia de gênero e, somente a partir de então, é possível dedicar-lhe atenção integral à sua saúde para o processo de transgenitalização. Logo, o diagnóstico estaria associado a um tratamento à transexualidade, o que fere uma série de direitos inerentes à sua personalidade.

Assim, a transsexualidade emerge em uma luta constante e em sua grande maioria silenciada por múltiplas formas de imposição de identidade heterossexual nas mais diversas práticas sociais, especialmente, na saúde. Essa patologização da transexualidade fomenta as práticas de preconceito e exclusão social dirigidas a esta parcela da população. (COSTA; CAMPELLO, 2017).

Essas questões surgem de uma única fonte: a padronização do corpo humano em homem e mulher. Rodrigues, (2006, p. 19) afirma que a construção sobre o corpo nas sociedades, principalmente, ocidentais, está fortemente perpassada pela cultura que traça um padrão que orienta a conduta social e os comportamentos dos indivíduos baseado em seu sexo biológico. Assim, por estar inserido em uma sociedade, os indivíduos são obrigados a se submeterem a essas representações, que por sua vez, “[...] são introjetadas pela educação nos indivíduos, de modo a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo dessa maneira uma certa homogeneidade para o sistema social”.

Além disso, ao fato de pertencer ao gênero feminino ou masculino é atribuído não somente uma determinada conformação anatômica e fisiológica, mas também, um status social, o qual tem claramente determinado seus limites, direitos e obrigações, e onde também, a comunidade mostra expectativas do que se espera desse indivíduo, as quais abarcam todas as suas dimensões, como: modo de se comportar, de falar, de se vestir, de pensar, entre outros. (RODRIGUES, 2006).

Tal condição foi vivenciada com intensa angústia por Lili. Quando ela começa a procurar ajuda para entender o que de fato está acontecendo com o seu corpo e sua mente passa por vários médicos e todos a patologizam como doente mental.

Inicialmente, os especialistas com os quais Lili procurou se consultar prescreveram a ela o uso de radiação em sua região genital para “readequá-la” em sua dimensão biológica. Lili é submetida a vários tratamentos de radiologia e no final debilitada a personagem diz ao médico: “Você machucou Lili”. Quando percebeu-se que a terapêutica proposta não obteve resultados, isto é, Lili continuava não se identificando com os padrões do gênero masculino, o médico alterou sua conclusão sobre o seu estado “patológico”, atribuindo a ela o diagnóstico de perversão e intimando-a a apresentar-se no Hospital Psiquiátrico de Sankt Hans para um tratamento mais intenso. (TOLEDO; DORNELAS, 2017; A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Em Paris, Hans, seu amigo do passado, a convence a procurar novamente ajuda médica. Lili mais uma vez se dispõe a buscar algum especialista que a auxiliasse no momento de angústia e dúvidas no qual se encontrava. Em um consultório cheio de imagens de crânios e cérebros, o médico afirma que Lili está passando por um “estado confuso de identidade”, e oferece a possibilidade de um tratamento onde seria feito “pequenos buracos aqui e aqui” apontando para os lobos temporais de Lili.

Logo em seguida a personagem passa por um psicólogo psicanalista, o qual lhe aponta: “Não tenho boas notícias, o senhor é homossexual”. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Depois disso, um episódio bastante relevante é descrito. Lili está em um consultório, e depois de ter falado ao médico: “Eu não sei bem que tipo de ajuda preciso, só não consigo continuar vivendo sem saber quem eu sou”, o médico anota em sua agenda “esquizofrênico” e pede licença para se ausentar por alguns segundos, é então onde Lili ler o que ele escreveu e foge da sala por uma janela. Logo após o médico retorna com alguns enfermeiros e uma camisa de força. O intuito era interná-la. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016)

Essa narrativa diagnóstica traz consigo um peso tão significativo que a própria personagem passa a duvidar de sua identidade e de quem acreditava ser, e por várias vezes pensa se está ficando louca como ouviu de tantos médicos, e chega a perguntar a Gerda: “Acha que sou insano?”. É visível como os médicos se constituíram como instrumentos de subjetivação da identidade de Lili. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Gerda, a ampara e afirma que seu estado não é de loucura, e ambas procuram uma última ajuda com o médico alemão chamado Kurt Warnkross, o qual apresenta a cirurgia de redesignação sexual realizada conjuntamente ao uso de hormônios e que consistiria na reparação dos genitais, instituição do útero e de ovários. (TOLEDO; DORNELAS, 2017).

5 | A TRISTE CONSEQUÊNCIA POR NÃO SE IDENTIFICAR CONSIGO MESMO: TRANSFOBIA

“Tranfobia” pode ser conceituada “[...] como discriminação contra pessoas travestis

e transexuais (trans). É o tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos e exclusão.” E gera não apenas ódio e violência psíquica, mas, sobretudo, altos índices de assassinatos. (ABÍLIO, 2017).

A OMS - Organização Mundial da Saúde - em 1990 retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças. Essa data se tornou o dia internacional de combate ao preconceito de gênero e de orientação sexual, homofobia, transfobia, entre outros. (VEIGA, 2020).

Mesmo assim, nos registros sobre a população trans o que se tem é transfobia e intolerância da mais ativa e estruturada, da qual não exclui nenhuma pessoa do seu arcabouço de comportamentos transfóbicos. Dessa forma, começamos pela criança que não se identifica com o seu gênero e logo começa a sofrer hostilização (como no caso de Lili e seu amigo Hans como já exposto). (SAMMARCO, 2010).

Essas crianças além de sofrerem discriminações por seus parentes, sofrem bullying na escola e em diversos casos a própria equipe pedagógica emite comportamentos verbais e não verbais de transfobia, o que leva a criança ou o adolescente a apresentarem dificuldades no estudos, parando de frequentar as aulas por medo de serem agredidas física ou moralmente, tendo suas zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial totalmente comprometidas, tanto quanto, experimentando a mediação simbiótica envolvida por aspectos negativos de repressão, tendo o seu psiquismo sobreposto por uma das dimensões da cultura que mais matam no nosso país: preconceito de gênero, e nesse caso, de cunho transfóbico. (SAMMARCO, 2010; VYGOTSKY, 1998).

Kennedy (2010), aponta uma narração que descreve a primeira experiência escolar de uma criança:

Foi o meu primeiro dia na escola e mandaram os meninos fazerem fila à direita e as meninas fazerem fila à esquerda. Eu fui para a esquerda, mas 'eles' me mandaram para a fila da direita. Eu me lembro de ter chorado o dia todo porque 'eles' entenderam errado.

Tais questões, de acordo com Vygotsky (1998) são avidamente internalizadas na psique da criança, onde os conteúdos interpessoais externos de discriminação de gênero serão transformados em sofrimento intrapessoal, e assim, muitas dessas crianças crescem oprimidas e reprimidas por não poderem expressar-se naquilo que acreditam ser, e assim, se tornam adultos problemáticos, com dificuldades mentais e/ou físicas. Sem contar as diversas histórias de violência dentro do próprio seio familiar contra essas pessoas, além dos casos de expulsões da adolescentes e jovens, ou a decisão de sair de casa por não aguentar a pressão, violência e discriminação dos quais são alvos. (SAMMARCO, 2010).

Além dos desapontamentos vivenciados em casa, essa população ainda é alvo de um tipo sistemático de transfobia: a invisibilização. Assim, a população trans é inviabilizada: pelo Estado que não apresenta políticas públicas que assistam às suas demandas, tanto na dimensão civil, quanto na educação e saúde. Pelos grupos de religiosos que os

diagnosticam como anormais, pecadores e doentes. Para o mercado de trabalho que não os insere e nem os tem como dignos de um trabalho formal, forçando 90% dessa população a buscarem como fonte de renda a prostituição. E principalmente, para a população civil, que por não os aceitarem os excluem de uma convivência social harmoniosa, sendo alvos de chacotas e de preconceitos de forma geral. (CHAGAS; NASCIMENTO, 2017).

E só pelo fato de ainda utilizarmos os termos *travestismo* e *transexualismo*, inclusive no presente trabalho, usados nas classificações para o diagnóstico de doente, já nos é mostrado como a transfobia perpassa todos os âmbitos, inclusive a educação. (ABÍLIO, 2017).

O filme retrata um dos momentos em que Lili é vítima da covardia transfóbica. Ela se veste como “Einar” e vai até uma biblioteca para fazer algumas pesquisas sobre o corpo feminino, ao sair ela é surpreendida por dois homens que começam a fazer chacota com falas do tipo “Você é menino ou menina?”, “Você tem um... ou...?”, fazendo gestos obscenos. Lili é espancada e felizmente resiste e escapa somente com alguns ferimentos. O que em vários casos o resultado é diferente: o óbito. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Mariano (2018), aponta que no ano de 2016, 144 mortes de pessoas trans foram registradas e 52 tentativas de homicídio. Ainda, afirma que a idade média de uma pessoa transgênera é de no máximo 35 anos.

A ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, em 2019 registrou 124 mortes por assassinatos de pessoas transexuais no Brasil. Aumentando em 29% o registro do ano de 2020, que foi para 175 pessoas, sendo considerado o ano mais violento para os transexuais, ficando atrás somente do ano de 2017 onde foram registrados 179 casos. Sendo a maior parte dos casos em 78% de pessoas negras, com 56% das vítimas estando entre os 15 e 29 anos, e ainda, 76% ocorrendo em espaços públicos, sendo as maiores vítimas pessoas em situação de rua e profissionais do sexo. (MELLO, 2021).

E apesar dos dados alarmantes que temos, a violência contra essas pessoas é naturalizada de tal forma, que em algumas vezes elas próprias são culpadas pela agressão que sofrem. E assim vivem com medo e abandonadas. (MARIANO, 2018).

Damico (2016 apud MARIANO, 2018, p. 95) aponta que

Os casos de transfobia aparecem de diversas formas no cotidiano: Para conseguir o uso do nome social na faculdade é uma guerra. Como se não tivéssemos o direito de usar nossos nomes em todos os ambientes. Para mim, o Estado é o maior inimigo da comunidade trans. [...] Ser trans não faz com que ninguém cometa suicídio. A transfobia e a falta de inclusão, sim, faz.

O suicídio se constitui uma das causas contumazes da morte de travestis e transexuais no Brasil e no mundo. A Rede Trans obteve o nome e o rosto de 12 pessoas trans que cometeram suicídio no ano de 2016 e isso é motivado pelas consequências vindas da transfobia, “[...] como a exclusão social, institucional e familiar, que acarretam

cotidianamente humilhações, constrangimentos, vulnerabilidades, desamparo, etc.” (CHAGAS; NASCIMENTO, 2017).

Mariano (2018, p. 89) ainda colabora afirmando que a transfobia se dá sob um viés estrutural e simbólico. E um dos vários problemas que essas pessoas sofrem está ligado à incoerência entre seus nomes e seus corpos em lugares como: mercado de trabalho, escola, família e em outras instituições, e assim, esses indivíduos sofrem vários constrangimentos em virtude de uma inconformidade “[...] entre seu documento formal e sua identidade visual, comportamental e cognitiva”.

O nome simboliza o corpo do sujeito e se o nome está em dissonância com o gênero identificado, ocorre um constrangimento e a pessoa está sofrendo violência. Lili, por sua vez, só conseguiu mudar oficialmente seu nome e gênero, após realizar todos os procedimentos cirúrgicos, e por ser legalmente uma mulher, teve seu casamento com Gerda invalidado pela política Dinamarquesa. (FREITAS; SCHIMIDT, 2021).

Todas essas questões transfóbicas dirigidas a um “grupo” específicos de seres humanos, podem ser analisados à luz da dimensão dialética de Vygotsky para a compreensão de como as leis sociais estabelecidas por aqueles que se dispõem do poder e do capital, podem definir a vida inteira de uma pessoa. Apontando se ela será aceita, amada e terá um lugar na sociedade, ou se será estigmatizada, inferiorizada, marginalizada e excluída.

E assim como Vygotsky apontava sobre uma influência da construção histórica e social da humanidade, e na construção do pensamento humano, vemos que o estabelecido por um determinado grupo - hetero, foi institucionalizado como verdade, e o que foge disso, portanto, precisa ou se normalizar, ou ser eliminado, e esse significado social perpassa a humanidade até os dias atuais. (GOMES *et al.*, 2016).

Finalmente, se é através da atividade humana que o homem se modifica e atua modificando seu meio, e assim sua consciência é desenvolvida, como uma pessoa trans se desenvolve em uma sociedade onde ela não é aceita e nem inclusa? Como o seu sentido pessoal será estruturado? Certamente, se o meio não despender aceitação sobre o indivíduo, ele mesmo não se aceitará.

Gerda em alguns momentos se mostrou resistente à “nova” (se olharmos com os seus olhos) essência de “Einar”. Em algumas falas, ela afirma que tudo era para ter sido uma brincadeira e que ela queria o marido de volta. Há uma cena que registra bem esse ponto quando ela pede que Lili se vista como “Einar” e a possua como mulher, e Lili responde que não consegue e se desculpa. Nesses momentos é explícito a angústia que Lili sente, chegando a vestir-se com roupas masculinas para agradar Gerda embora isso lhe deixasse amargurada.

Todas as vezes que Gerda apontava seu desgosto por estar perdendo “Einar” para o aparecimento de Lili, maior era o seu sofrimento, pois Lili amava sua companheira e sentia-se culpada por tanto transtorno. (A GAROTA DINAMARQUESA).

O fato curioso é que Gerda em outros momentos demonstrava total apoio e até incentivava Lili a vestir-se e comportar-se como mulher. Como quando na cena em que permitiu com que ela dormisse com sua camisola, e em outra noite, quando deita-se por cima dela e começa a acariciá-la como se Lili tivesse seios. E por aparentar, algumas vezes, sentir prazer na presente vivência, podemos supor uma orientação homossexual em Gerda. (ALVARES, 2017).

Por outro lado, nesses momentos de apoio, Lili não só sentia-se aceita, como também, aceitava-se. E apesar, também, dos momentos de angústia e dúvida de Gerda, ela lhe acompanhou em cada processo, desde as consultas e os procedimentos cirúrgicos, até quando Lili evolui a óbito em virtude de uma parada cardíaca. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

5.1 Implicações

Tais questões trazem implicações diretas ao que Vygotsky postulou como desenvolvimento humano. Sua abordagem aponta que um aspecto importante da condição humana se dá a partir da infância: a criança adquire novas formas de intervir no seu mundo e em si mesma a partir de cada fase em que ela passa. Isso é organizado pelos *estímulos auxiliares* que são introduzidos pelo homem não a partir da situação que está vigorando, mas, tendo em vista um meio para a adaptação. (VYGOSTKY, 1991).

Ao elencarmos tal conceito à temática levantada, torna-se claro como a valorização da adequação à sociedade e àquilo que culturalmente é por ela apregoado é considerado e valorizado em detrimento do sujeito e daquilo que ele sente e pensa a respeito de si mesmo. Assim, tudo o que é pensado a partir de, e tudo o que vem do homem ou da mulher trans é rejeitado pelos mecanismos estabelecidos sócio e historicamente, para dar lugar, unicamente, àquilo que traz uma adaptação firme aos preceitos do que são corriqueiros e triviais, e assim, tais sujeitos são vistos como objetos: como não humanos. Suas questões pessoais, seus sofrimentos, seus desejos e vontades não são priorizados por não serem vistos como válidos.

Álvares (2017, p. 8), aborda sobre uma demanda bem presente na transsexualidade feminina, motivo de grande angústia e sofrimento: “[...] há uma repugnância em relação ao seu órgão genital, assim o indivíduo quer se livrar dele a qualquer preço e exige da medicina que retifique o que considera um erro.” Isso é bem evidente em Lili!

Em um determinado momento do filme ela sai às pressas de casa e vai a um salão cheio de roupas femininas e masculinas. Ela escolhe um dos vestidos, tira toda a sua roupa, vai para a frente do espelho, esconde seu órgão genital entre as pernas e começa a admirar-se envolvendo-se no tecido do vestido. Posteriormente, em outra cena, Lili vai a um lugar onde pode observar uma mulher se exibindo, a mulher, porém, ao perceber que ela não está se excitando, mas sim, imitando-a, começa a levá-la a tocar e descobrir seu corpo, porém, esse momento é interrompido quando ela toca seus genitais e percebe o

membro que ali existe. (CAMPELO, 2019; A GAROTA DINAMARQUESA, 2006).

De modo geral, no início dos atendimentos e entrevistas para a realização da cirurgia de redesignação sexual, o que está em primeiro plano é o anseio por se obter uma identidade feminina e não a expressão sobre ter relações sexuais. A reivindicação e o desejo pelo processo cirúrgico está muito mais ligado a uma demanda de necessidade ligada à garantia de compreensibilidade social. (ARÁN; ZAIHHAFT; MURTA, 2008).

Porém, no que diz respeito a relações sexuais, o mais observado é que muitas delas optam por não terem, e isso está atrelado a não poderem apresentar-se como transexuais. Algumas até iniciam um relacionamento e o interrompem por terem medo de como seu parceiro irá reagir mediante sua identidade. Outras ainda dizem que são hermafroditas - pessoas que nascem com dois órgãos genitais, ou se apresentam como mulheres que “possuem um problema na genitália”. Esses indivíduos são afetados por intensas dúvidas sobre como se apresentar e têm medo da resposta fomentada por preconceito que podem receber, mas, quando são aceitas constroem um vida afetiva e sexual satisfatória. (ARÁN; ZAIHHAFT; MURTA, 2008).

Lili passa por esse sentimento de insegurança e medo quando conhece um rapaz em uma festa que vai com Gerda. Henrik Sandahl é o seu nome. E posteriormente é afirmado que ele é homossexual. Na festa, Henrik a chama para um lugar mais reservado e fica explícito um insegurança por parte de Lili, que por medo de não ser reconhecida como uma mulher evita falar ou fala sussurrando e por muitas vezes só fazendo gestos com o rosto deixando-o também o tempo todo abaixado, não mantendo muito contato visual com Henrik.

Em seguida, em um momento em que eles estão juntos na casa de Henrik, ele começa a beijá-la e leva a mão até suas partes íntimas, Lili, por sua vez, não deixa. Ele continua beijando-a e a chama de “Einar”, e nesse momento ela o repreende e vai embora. Isso se deu justamente por ela não ter se sentido aceita em sua identificação feminina. (CAMPELO, 2019; A GAROTA DINAMARQUESA, 2006).

Ligada a essa condição, alguns estudos apontam que a maior parte da população trans é acometida por diversos sofrimentos psíquicos, os quais aparecem de diferentes formas, como:

tentativas de suicídio, depressão, transtornos alimentares e angústia das mais diversas formas o que é provocado não apenas pelo conflito de não pertencimento ao sexo biológico como também pelas inúmeras consequências sociais intrínsecas a esta condição. (ARAN; MURTA; ZAIHHAFT, 2008, p. 74)

Com Lili, percebemos que o meio pelo qual seu psiquismo encontrou para lidar com tamanha angústia foi através da somatização. Inicialmente, o filme retrata seu problema de infertilidade. Vemos isso nas cenas em que Gerda lamenta por outra vez estar menstruada e quando ela sinaliza a vontade de ter filhos, e ainda, no momento em que Lili vai se consultar com um dos médicos pelo qual passa e ele aponta que sua infertilidade

é consequência de um desequilíbrio químico. Lili não conseguia gerar filhos com Gerda. (TOLEDO; DORNELAS, 2017).

Outro momento de somatização é visto durante a ocasião já citada em que Lili vai a festa e é seduzida por Henrik. Quando ela é surpreendida com excitação ao beijá-lo, começa a sangrar pelo nariz e passa a ter fortes dores de cabeça. Mais uma vez seu corpo está expressando o que sua mente não era capaz de suportar: Lili precisava assumir quem de fato era. (ÁLVARES, 2017).

A zona de desenvolvimento proximal de Lili também foi alvo de represálias por dois tempos específicos, e assim, impedida de se expandir. Primeiramente, de sua infância a fase adulta, onde ela foi reprimida pelos signos e instrumentos culturais de sua época carregados de preconceito e posteriormente, quando já se reconhecia como mulher e passa a buscar por uma transformação externa em seu corpo como modo de confirmar sua imagem interna. Por isso, em algumas cenas, Lili é retratada profundamente triste e apática, e a isso Langaro (2019) contribui apontando que transtornos como depressão, ansiedade e comportamento suicida são altamente desenvolvidos na população transgênera, sobretudo, em virtude da estigmatização e rejeição transfóbica que são direcionadas a essa população.

Em ambas as fases de sua vida não houveram orientações adequadas que favorecessem o seu processo de autoconhecimento e autodesenvolvimento. Porém, em seu primeiro momento com o auxílio de Henrik, e no segundo, com o apoio de seu médico Kurt, Elbe consegue potencializar sua zona de desenvolvimento real, se tornando mais firme em sua orientação, ou na *solução independente de problemas* (nas palavras de Vygotsky), o que é bem visível nas cenas finais do filme, onde embora ela não seja aceita, continua buscando por alguém que possa não tentar mudá-la, mas sim, impulsioná-la, e principalmente, quando ela decide firmemente realizar a cirurgia de redesignação sexual mesmo com desaprovação familiar e social. (VYGOTSKY, 1984; A GAROTA DINAMARQUESA, 2006).

Seu processo de humanização, isto é, o resultado que se tem da interação dialética entre o ser humano e o seu meio social e cultural, passou a ocorrer não por uma mediação harmônica entre Lili e seu meio, mas sim, a partir de um rompimento com este. Por ser a cultura um produto formador da vida social do homem e a interação com o outro aquilo que constitui o ser humano, criando signos que ampliam os processos psicológicos, Lili se humanizou, de fato, quando buscou novos meios de ruptura com o imaginário da sociedade que a havia desumanizado durante anos e de forma muito mais clara e preconceituosa quando ela não passou mais a se esconder por detrás de Ainer. (VYGOTSKY, 1995; A GAROTA DINAMARQUESA, 2006).

6 | “FINALMENTE ME IDENTIFICO COM O MEU EU”

O filme torna muito claro que depois que Lili descobre que havia uma possibilidade

para ela finalmente se tornar quem sempre sonhou em ser, ela iria até o final, independente do que lhes falassem. E mesmo sabendo de todos os riscos que passaria ao ser operada, Lili se submete a um processo de arriscadas cirurgias experimentais. Para ela era melhor passar pelo risco de morte, do que continuar em um corpo que a deixava infeliz.

Ao ouvir sobre esse método, embora alertada sobre o risco no qual seria exposta, ela afirma: “É a minha única esperança”. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Depois do sucesso da primeira cirurgia ela encontra-se com Henrik e surpreso ao saber do ocorrido pergunta se o médico a fez mulher, e ela responde: “Deus me fez mulher, ele só corrigiu o erro da natureza, me curando da doença que era o meu disfarce”, e seu amigo pontua: “ele te fez uma mulher de verdade”. (A GAROTA DINAMARQUESA, 2016).

Badenes (2007, p. 1) traz o relato de Maria Luisa, a qual foi submetida à mesma operação que Lili. Ela pondera que:

Enquanto o corpo não estiver alinhado com a própria personalidade, essa pessoa fica sofrendo. Eu sofria muito. É como se a gente tivesse um problema físico muito grande e a cirurgia consertasse. Trouxe um benefício enorme, tanto na parte física quanto psicológica. O desejo e o prazer aumentam porque a gente se sente mais completa, fica satisfeita consigo mesma.

Racon *et al.* (2020, p. 2349), em sua pesquisa sobre a vida após a cirurgia de redesignação sexual, traz alguns relatos de pessoas trans e a participante titulada como 8 relata que:

Tudo que falava como ‘ele’ comigo me ofendia. Eu tinha aquela coisa de que eu era mulher, mas, sabendo que eu não era de verdade. Eu tinha um órgão masculino. Então, aquilo ali me afetava muito, eu ficava triste, eu chorava muito. Então querendo ou não as pessoas elas têm sempre que apontar aquilo ali, então eu acho que hoje isso mudou e ajudou muito. Entendeu? Não que o preconceito não existe, ele existe ainda, mas que diminuiu muito.

Da mesma forma, Lili se sentiu muito mais completa e feliz após os primeiros procedimentos cirúrgicos. Quando já se achava forte o suficiente, sem exitar, retornou para finalizar o processo operatório. E antes de ser submetida a cirurgia que complicaria seu quadro, ela pondera que: “Provei que tenho o direito de viver existindo como Lili durante 14 meses. Podem dizer que 14 meses não são muito, mas para mim é uma vida humana completa e feliz”. Ela, finalmente, alcança a zona de desenvolvimento potencial, a qual descreve o destino final de onde se deseja chegar. Lili se tornou “Lili” em todas as suas dimensões humanas. (URZAIZ, 2016).

O filme retrata que após algumas complicações pós-cirúrgicas Lili pede para ir ao jardim e com insistência Gerda atende ao seu pedido, elas vão juntas para o pátio do hospital no qual Lili estava internada, na companhia de Hans. Lili, então, relata a Gerda o seguinte sonho que teve: “Sonhei noite passada com minha mãe. Ela me pegou nos braços e me chamou de Lili”, e logo em seguida faleceu. (DIAS, 2016).

Assim, antes de seu médico Kurt Warnkross, chamado por ela mesma de seu

“criador e salvador”, realizar a cirurgia onde buscaria implantar um útero e criar uma vagina artificial, Elbe não resiste e morre dias antes do seu aniversário onde completaria 50 anos, deixando um legado de luta e inspiração a tantos outros transsexuais que entrariam nessa caminhada árdua de buscar viver sua essência quebrando paradigmas e protocolos culturais e políticos, rompendo com o mecanismo determinista de seus meios sociais, e promovendo para si uma nova cultura, ainda que sustentada por uma minúscula parcela da população, mas que advém de aceitação, liberdade, respeito e autonomia. (DIAS, 2016).

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise do Filme “A garota dinamarquesa”, fica claro que a angústia que essas pessoas experienciam não se vincula ao seus corpos, mas sim, no interior da inconformidade que há entre o órgão genital que dita o seu gênero biológico e o seu gênero psicológico. E embora elas tenham total certeza sobre quem são, sua maior infelicidade está atrelada ao medo da transfobia que certamente irão perpassá-las. E quando olhamos para o descaso e a negligência com que a própria justiça olha para essa problemática, se torna mais difícil combatê-la.

Até 2019 nenhuma lei havia sido sancionada que visasse criminalizar o preconceito e discriminação por orientação sexual. Somente nesse ano quando o Partido Popular Socialista e Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, entraram com a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 e o Mandato de Injunção (MI) 4733, que abordavam a inatividade do Congresso Nacional para decretar como crime a homotransfobia, com base no art. 5º da Constituição Federal de 1988 - que institui como criminalização as discriminações que atuem contra os direitos e liberdades fundamentais, apontando que os atos racistas cabem como crime inafiançável e imprescritível resultando em pena de reclusão como dita a Lei nº 7.716 de 1989 - que em junho de 2019 o Supremo Tribunal Federal reconhece como crime de racismo a homotransfobia, tencionando “[...] resguardar e proteger juridicamente a dignidade das pessoas de diferentes identidades de gênero e orientações sexuais que sofrem as mazelas de uma população que ainda nutre um profundo preconceito”. (TURIBIO, 2020; BRASIL, 1988).

Porém, sabemos que infelizmente a atribuição de uma lei que criminaliza uma prática não é eficaz em transformar a mentalidade da sociedade e isso fica claro se olharmos para os campos de atuação que são dispostos para o trabalho. Não vemos cotidianamente pessoas trans na saúde ou educação, e muito menos na política.

Assim, esse assunto está longe de estar por encerrado, outros trabalhos devem ser elaborados para ampliar o conhecimento e a discussão sobre a exclusão que afeta essa população, sobretudo no que diz respeito a políticas públicas que as priorizem. De acordo com Pacheco (2016), somente cinco hospitais realizam cirurgia transgenital pelo SUS em todo o Brasil, e o valor desse procedimento por via particular é altíssimo. E quando pelo

SUS, são obrigadas a passarem pelo processo transexualizador, onde o indivíduo que deseja realizar a cirurgia precisa se identificar como doente para que possa acessar esse e outros serviços oferecidos.

É revoltante o modo como essa população é objetificada pela saúde e pelos pólos que compõem a sociedade. Contrariamente, elas deveriam ter sua singularidade valorizada e respeitada da mesma forma que uma mulher que nasceu com o gênero feminino e se identifica com ele tem.

Tudo isso nos mostra como em pleno século XXI, no centenário marcado pelas intensas evoluções tecnológicas, a mente humana ainda precisa ser evoluída, pois em uma civilização onde há tentativas de homicídio contra alguém, unicamente, por causa do modo como ela se identificada, só mostra, na verdade, uma involução. Nisso, percebemos como uma não tomada de postura frente a tais questões por parte da educação causa um déficit de ignorância e mau entendimento na sociedade.

A abordagem Histórico-Cultural aponta a aprendizagem como o motor do desenvolvimento, e sem dúvidas a escola é um dos ambientes que mais se concebe como um agente de mediação para o avanço psíquico dos indivíduos, e por isso, deve se humanizar para que não esteja entre as instituições que cometem atitudes e/ou falas transfóbicas e preconceituosas, do mesmo modo, não tornando-se conivente com tais práticas, mas promovendo um ambiente seguro e de aceitação, onde os alunos consigam expressar-se sem medo.

Para além disso, a sociedade como um todo deve buscar ser um instrumento de mediação que possibilite um desenvolvimento saudável a todos os indivíduos, através da convivência social, pois a interação fundamenta o desenvolvimento mental. E para tal, a justiça deve se comprometer em sustentar práticas que visem o combate efetivo da transfobia, sobretudo com políticas que se voltem para a assistência de pessoas transexuais em condição de vulnerabilidade social, garantindo direito a cirurgia de redesignação sexual sem o constrangimento de ter que se autointitular como um doente, o que viola a integridade e a moral do sujeito.

Tendo como base o pensamento de Vygotsky ao apontar que sempre existirá um signo e um instrumento que dará base e que mediará a relação do homem com o seu meio social, espera-se que tais mecanismos de mediação sejam fomentados por aceitação, igualdade e equidade, e que os direitos contidos na constituição, especialmente, os direitos sociais contemplados no art. 6º de educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, e assistência aos desamparados, sejam de fato uma realidade entre todos, sem distinção de gênero ou de orientação sexual.

Finalmente, a começar pela nossa protagonista Lili Elbe que foi e é um marco de luta e respeito a sua própria essência, outras histórias de pessoas como ela devem ser alvos de trabalhos para que se conheçam mais trajetórias inspiradoras e que, possivelmente, podem

auxiliar a sociedade a rever seus preconceitos. Hodiernamente, estudos que visem articular os preconceitos existentes de cunho racial, religioso, de gênero ou tantos outros, devem ser desenvolvidos e articulados a luz da abordagem Histórico-Cultural, pois é perceptível a falta de trabalhos que se dedicam à investigação desses fenômenos que atingem seriamente nossa sociedade causando segregação e marginalização, à luz da abordagem vygotskyana, a qual traz a cultura e a história (dimensões que estruturam os preconceitos) como mecanismos de auxílio e influência no desenvolvimento psíquico dos sujeitos. É que, principalmente, sejam estudos disponibilizados a todos, para que haja compreensão social dos tipos diretos e indiretos de transfobia direcionadas a essa população, como um meio que desperte uma comoção de combate a tais práticas, e para que os pais alertem-se para cuidar e de fato conhecer a realidade de seus filhos, dispensando sobre eles aceitação, como também, conseguindo identificar quaisquer comportamentos transfóbicos a partir de instituições de ensino, tendo em vista que a transfobia é real e pode estar afetando um dos nossos agora mesmo.

REFERÊNCIAS

A GAROTA DINAMARQUESA. Direção de Tom Hooper. Estados Unidos: Universal Pictures, Distribuidor, 2016. Netflix (120 minutos): son., color. Legendado, português.

ABÍLIO, Adriana Galvão Moura. Travestilidade e transexualidade: o reconhecimento jurídico das identidades sociais. **Revista Hispeci & Lema on-line**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 126-142, 2017.

ÁLVARES, Jurenice Picado. A garota dinamarquesa: Lili Elbe. **IDE**. São Paulo, v. 40, n. 64, p. 185-197, 2017.

ARÁN. Márcia; MURTA Daniela; ZAIHAF, Sérgio. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 70-79, 2008.

BADENES, Hilda. Cirurgia de mudança de sexo é alívio para sofrimento de transexuais, dizem especialistas. **Extra**. 2007. Disponível em: <Cirurgia de mudança de sexo é alívio para sofrimento de transexuais, dizem especialistas (globo.com)>. Acesso em: 27 out. 2021.

BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. O Método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano. **Psicologia Política**. [s.l.], v. 10, n. 20, p. 297-313, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

CAMPELO, Maria Helena Rodrigues. Os sonhos de Lili: Aproximações Psicanalíticas sobre o Gênero Feminino no filme A garota dinamarquesa. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. [s.l.], v. 13, n. 45, p. 227-252, 2019.

CANNONE, Lara Araújo Roseira. Historicizando a transexualidade em direção a uma psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**. [s.l.], v. 39, n. 3, p. 21-34, 2019.

CASTRO, H. História Social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHAGAS, Emmily Negrão; NASCIMENTO, Thayana Evely Pinto do. (In)Visibilidade trans: uma breve discussão acerca da transfobia na vida de travestis e transexuais. In: VIII JORNADA INTERNACIONAL POLÍTICAS PÚBLICAS. 2017, São Luís. **Um século de reforma e evolução** [...] São Luís: UFMA, 2017, p. 1-10. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/invisibilidadetransumabreve_discussaoacercadatransfobianavidadetravestisetransexuais.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

CLARINDO, Janailson Monteiro. **Clínica histórico-cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia**. Orientadora: Veriana de Fátima Rodrigues Colaço. 2020. 205 f. IPós-Graduação (Doutor em Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

CONCEIÇÃO, C.V. **A teoria da aprendizagem social**. Disponível em: <<http://knoow.net/ciencsocioaishuman/psicologia/teoria-da-aprendizagem-social/>>. Acesso em: 25 nov 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos, Resolução n.º 10/05**, Brasília, 2005.

COSTA, Welington Oliveira de Souza dos Anjos. CAMPELLO, Livia Gaigher Bósio. Patologização da transexualidade sob a ótica jurídica: mal (des)necessário. **Revista de gênero, sexualidade e direito**. Brasília, v. 3, n. 1, p. 108-123, jan/jun. 2017.

DIAS, Tiago. A real “garota dinamarquesa”: como uma pintora foi pioneira na luta trans. **UOL ENTRETÊ**. 2016. Disponível em: <A real “garota dinamarquesa”: Como uma pintora foi pioneira na luta trans - 11/02/2016 - UOL Entretenimento>. Acesso em: 27 out. 2021.

FREITAS, Camila; SCHIMIDT, Fernanda. Fizeram história. **Ecoa uol**. 2021. Disponível em: <Fizeram História: Lili Elbe (uol.com.br)>. Acesso em: 25 out. 2021.

FREITAS, Eber. A leitura analítica e as 15 regras para ler um livro, segundo Mortimer Adler. **Livreiro Nômade**. 2015. Disponível em: <<https://www.livreironomade.com.br/2015/10/a-leitura-analitica-e-as-15-regras-para.html>>. Acesso em: 27 out. 2021.

GOMES, Isadora Dias; *et al.* O social e o cultural na perspectiva histórico-cultural: tendências conceituais contemporâneas. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 814-831, dez. 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Notas sobre as travessias da população trans na histórias. **Cult**. 2018. Disponível em: <Notas sobre as travessias da população trans na história (uol.com.br)>. Acesso em: 27 out. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2 ed. Brasília, 2012.

KENNEDY, Natacha. Crianças transgênero: mais do que um desafio teórico. **Revista do programa de pós-graduação em ciências da UFRN**. [s.l.], v. 1, n. 2, p. 1-43, 2010.

LANGARO, João Pedro. **Transtornos depressivos em pacientes transexuais atendidos em um centro de referência de atendimento da população LGBT**. Orientadora: Bruna Chaves Lopes. 2019. 80 f. Graduação (Bacharel em Medicina) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Passo Fundo, 2019.

MARIANO, Gustavo Borges. Direito e transfobia: estudo dos limites sobre a retificação de registro civil de pessoas trans. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**. [s.l.], v. 5, n. 2, p. 87-108, 2018.

MATTOS, Amanda Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: Lições tomadas do transfeminismo. **Revista Periódicus**. [s.l.] v. 1, n. 5, p. 132-153, 2016.

MELLO, Daniel. Brasil teve 175 assassinatos de transexuais em 2020. **Agência Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br>>. Acesso em: 25 out. 2021.

MODESTO, Edith. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 24, p. 49-65, dez. 2013.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. Homofobia e homofobia interiorizada: Produções subjetivas de controle heteronormativo?. **Athenea Digital**, n. 17, p. 227-239, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.5565/rev/athenead/v0n17.652>>. Acesso em: 27 out. 2021, p. 1-21.

NORONHA, Heloísa. Conheça pessoas trans que marcaram a história no Brasil e no mundo. **UNIVERSA UOL**. 2018. Disponível em: <Conheça pessoas trans que marcaram a história no Brasil e no mundo - 31/07/2018 - UOL Universa>. Acesso em: 27 out. 2021.

PACHECO, Clarice. Saúde. **O que a Bahia quer saber**. 2016. Disponível em: <Apenas cinco hospitais fazem cirurgia transgenital pelo SUS no Brasil - Jornal Correio (correio24horas.com.br)>. Acesso em: 27 out. 2021.

RACON, Pablo Cardozo. Vida após a cirurgia de redesignação sexual: sentidos produzidos para gênero e transexualidade. **Ciência e Saúde Coletiva** [online], v. 25, n. 6, p. 2347-2356. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.26002018>>. Acesso em: 27 out. 2021.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SAMMARCO, Pedro. Transfobia: uma construção social e histórica. **Telavita**. 2010. Acesso em: <<https://www.telavita.com.br/blog/transfobia/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

SANTOS, Gustavo Rezende dos; AQUINO, Orlando Fernández. A psicologia histórica-cultural: conceitos principais e metodologia de pesquisa. **Perspectivas em psicologia**. [s.l.], v. 18, n. 2, p. 76-87, 2014.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. [s.l.], v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TOLEDO, Eliza Teixeira de; DORNELAS, Isabela de Oliveira. Identidade de gênero, sexualidade e intervenções terapêuticas em A garota dinamarquesa (2015). **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 848-851, jul-set, 2017.

TURIBIO, Vivian de Oliveira. **A homotransfobia no Brasil e o seu reconhecimento como crime de racismo pelo julgamento do supremo tribunal federal**. Orientadora: Carmen Hannud Carballeda Adsuara. 2020. 17 f. Graduação (Bacharel em Direito) - Faculdade Católica Orione, Araguaína, 2020.

URZAIZ, Begoña Gómez. A fascinante vida de Lili Elbe, a primeira transexual a entrar para a história. **El país**. 2016. Disponível em: <A fascinante vida de Lili Elbe, a primeira transexual a entrar para a história | Estilo | EL PAÍS Brasil (elpais.com)>. Acesso em: 27 out. 2021.

VEIGA, Edilson. **Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças**. 17 maio. 2020. Acesso em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>>. Acesso em: 20 out. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras Escogidas III**. p. 11-130. Madrid: Visor/Ministerio de Educación y Ciencia, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert. **Case Study Research: design and methods**. 5 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2014.